

Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras)

Cultural productions in Brazilian sign language (Libras)

Lodenir Becker Karnopp*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Com base em estudos realizados no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos, o presente artigo focaliza as produções culturais em comunidades surdas e analisa as relações de poder envolvidas na construção de significados culturais, entendendo a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e populações. Este artigo está baseado nos resultados parciais do projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, desenvolvido por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com pesquisadores dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Palavras-chave: Surdos; Estudos Culturais em Educação; Estudos Surdos

Abstract: Based on studies in the field of Cultural Studies in Education and Deaf Studies, this article focuses on the cultural productions in deaf communities and analyzes the power relations in the construction of cultural meanings. These fields understand deaf culture as a space of contestation and constitution of identities and differences that determine the lives of individuals and populations. This article is based on the partial results of the project “Production, dissemination and consumption of Brazilian deaf culture”, developed by researchers at the Graduate Program of the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), in partnership with researchers of the Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) and the Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Keywords: Deaf; Cultural Studies in Education; Deaf Studies

Alguns apontamentos iniciais

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência sublinha que as pessoas com deficiência têm o direito de gozar plenamente dos direitos humanos. Os fatores fundamentais para os direitos humanos das pessoas surdas são o acesso e o reconhecimento da língua de sinais, incluindo a aceitação e respeito pela identidade de pessoas surdas linguística e culturalmente, educação bilíngue, intérpretes de línguas de sinais e recursos de acessibilidade.

O relatório “As pessoas surdas e os Direitos Humanos” constitui, até agora, o maior banco de dados que permite conhecer a situação das pessoas surdas no mundo. Esse relatório descreve vidas de pessoas surdas de noventa e três (93) países, sendo a maioria países em desenvolvimento¹. Apresenta dados e análises sobre o reconhecimento da língua de sinais na legislação, educação, acessibilidade, intérpretes e aprendizagem ao longo da vida. Cento e vinte e três (123) países

receberam o questionário e 93 responderam (em geral, associações de surdos), dando uma taxa de resposta de 76%. Conforme esse relatório, relativamente poucos países negam às pessoas surdas acesso à educação, serviços públicos ou exercício da cidadania, tendo como base apenas a surdez. Mas a falta de reconhecimento da língua de sinais, a carência de educação bilíngue, a disponibilidade limitada de serviços de interpretação e a generalizada desinformação sobre a situação das pessoas surdas, mantêm os surdos privados do acesso a amplos setores da sociedade. Assim, os surdos não são capazes de desfrutar plenamente dos mais básicos direitos humanos (HAUALAND e ALLEN, 2009).¹

* Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na modalidade Produtividade em Pesquisa 2 (Processo 313999/2009-0), tendo realizado o estágio pós-doutoral no Exterior, em 2011-2012, na Gallaudet University, em Washington, DC.

¹ A Associação Nacional Sueca de Surdos (Swedish National Association of the Deaf) e a Federação Mundial de Surdos (World Federation of the Deaf - WFD) realizaram a pesquisa e apresentaram o relatório sobre a situação de pessoas surdas no mundo.

A partir desses dados, podemos verificar que, no Brasil, ocorreram importantes conquistas das comunidades surdas, em diferentes espaços, especialmente o reconhecimento da cultura surda e a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir da luta das comunidades de surdos, que se organizam em associações, instituições e através da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), ocorreu a oficialização da Libras, conforme consta na Lei Federal 10.436, de 24 de abril de 2002.

Com base no relatório e nos marcos legais e políticos, citados nos parágrafos anteriores, identificamos a criação de estratégias discursivas utilizadas pelo movimento surdo para denunciar a condição de pacientes da audiologia ou sujeitos com “necessidades especiais”, tendo como meta marcar uma diferença linguística e cultural. Produções culturais de surdos possibilitaram a elaboração de outros discursos sobre os surdos, evidenciando suas experiências e suas lutas (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001).

Apesar de mudanças significativas na legislação e de iniciativas de algumas instituições, o fato é que, há muito tempo, temos por parte dos surdos uma luta histórica tentando fazer valer a diferença linguística e cultural que lhes é devida, não somente nos espaços escolares, mas também na mídia e nos diferentes artefatos culturais. Pode-se dizer que a tradicional concepção de cultura em oposição a natureza repercutiu na forma como os surdos foram narrados e tratados pelas instituições ao longo da história. A ênfase no suposto dado da natureza – o ouvido anormal – negou qualquer possibilidade de narrativas que inscrevessem os surdos como grupo cultural, capazes de produzir significados a partir de suas experiências compartilhadas.

No entanto, em pesquisa que estamos desenvolvendo sobre as produções culturais em comunidades surdas³, evidenciamos que através de narrativas produzidas em Libras, a comunidade surda vem imprimindo significados na constituição de identidades e diferenças. Tais narrativas convergem para o entendimento dessa comunidade como um grupo cultural e como uma minoria linguística.

Narrativas⁴ e Diferenças

Como professora de português e literatura em uma escola de surdos, nas décadas de 80 e 90, um de meus alunos me pediu um livro escrito por um surdo, que tivesse personagens surdos, já que liamos muitos textos, principalmente da literatura brasileira, os quais estavam contemplados no currículo escolar. Combinamos um dia e fomos então para a biblioteca escolar procurar algum livro que atendesse a essa solicitação. Difícil tarefa foi encontrar um livro que contasse histórias sobre surdos. Encontramos dicionários de sinais e outros materiais, mas

não havia, naquele contexto, materiais que contemplassem a expectativa do aluno. A partir desse momento, comecei a questionar também quais os épicos, os poemas, as anedotas... eram contados em Libras pelos surdos? Quais narrativas constituíam o acervo da literatura surda? Que histórias eram contadas? Tais questionamentos foram sendo direcionados a uma investigação sobre a literatura surda, sobre histórias produzidas em Libras, nas comunidades surdas.

Como professora de surdos e usuária da Libras, meu olhar foi direcionado para as histórias contadas em sinais. Comecei a assistir a muitas histórias, contadas em diferentes espaços. Algumas dessas produções literárias circulam no mercado editorial, em DVD, na internet (youtube), e ainda outras circulam especificamente nos encontros presenciais entre os membros da comunidade surda. Ainda outras são traduzidas para o português, em formato de livros ou revistas. Algumas narrativas são produzidas e acabam circulando amplamente; no entanto, outras circulam em locais específicos como escolas ou associações de surdos.

Cabe enfatizar que ao referimos a Libras, isso não significa que ela seja utilizada da mesma forma por todos os surdos brasileiros. Como qualquer outra língua, ela está sujeita às variações regionais, adequando-se aos aspectos históricos, sociais e culturais das diferentes comunidades em que é utilizada. Da mesma forma, as produções artístico-culturais sofrem influências desses aspectos. Considerando então a não homogeneização da Libras e da cultura surda brasileira, a falta de registros dessas variações e desses atravessamentos de culturas regionais, torna-se cada vez mais urgente a realização de ações que priorizem a coleta e a análise das produções culturais em comunidades surdas, no sentido de compor um acervo que sirva de referência para estudos sobre a cultura surda e sua inserção no contexto das culturas regionais e nacional.

Uma das justificativas para a realização de pesquisas sobre as produções culturais em comunidades surdas relaciona-se à necessidade de conhecermos histórias em Libras, histórias contadas por surdos, sobre suas experiências pensadas e vividas. Nessa direção, conhecer histórias que circulam em comunidades surdas, justifica-se por motivos semelhantes ao que a romancista nigeriana Chimamanda Adichie relata sobre aquilo que ela defende como “O perigo da história única⁴”.

² Auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Ministério da Cultura, através do Edital 07/2008 (Capes/MinC – Procultura).

³ Cabe salientar que, para o propósito deste artigo, entendo narrativa como sequência ou tipo discursivo.

⁴ Adichie vai narrando algumas histórias pessoais sobre aquilo que ela gosta de chamar de “o perigo da história única”. Leitora precoce, na Nigéria, começou a ler livros endereçados a crianças britânicas e americanas (em

Adichie, através de sua experiência, remete-nos ao campo dos Estudos Surdos e sobre a norma em particular, com o perigo de termos uma única história em mente. De diferentes formas, os Estudos Surdos apresentam outra narrativa, desconstruindo uma história única sobre o que a “surdez” significa. A narrativa, na perspectiva da medicalização da surdez, de uma história única, da cura e da normalização da criança, são as formas de encontro dos pais ouvintes com a surdez da criança. Os Estudos Surdos têm feito circular outras histórias, as histórias que têm sido contadas e recontadas a partir do momento em que os surdos se encontram.

Essas outras histórias começam a aparecer cedo, como em Pierre Desloges, que nos conta uma história diferente a partir da experiência em uma comunidade surda parisiense, na década de 1770 a 1780, sobre os banquetes de cunho político e poético, realizados por surdos. Auguste Bebian descreve o que acontece com a mente de um ser humano quando lhe é permitido usar uma língua de sinais e esta começa a ser usada (LANE, 1976).

De modo semelhante, na Conferência “*African Lessons on Language and Citizenship: Local Action and Transnational Partnerships*” realizada na Gallaudet University, durante os dias 19 e 20 de abril de 2012, assistimos a uma palestra intitulada “Conexões entre língua e identidade em Uganda”, apresentada por Nassozi Kiyaga⁵. Assim como ocorreu com Bebian, Nassozi nos apresenta fotos e relatos que mostram o que acontece com um surdo, na Uganda, quando encontra a língua de sinais, quando encontra colegas surdos! As mãos amarradas e a face, até então escondida pelas mãos, começam a expressar os primeiros sinais, a partir do momento em que entra em conexão com seus amigos surdos na escola onde começa a estudar!

Mas, em todas essas narrativas, quando outras histórias nos são contadas, nos movemos de uma narrativa para outra narrativa, e estamos diante de duas histórias. Isso é de algum modo, menos perigoso. Mas, há também o encontro com múltiplas histórias. É surpreendente assistir

a essas histórias, evidenciando nelas uma contra-narrativa – a possibilidade de viver muitas histórias na experiência surda. No entanto, há ainda outras histórias não contadas, as quais foram/são silenciadas, apagadas... Por exemplo, as mulheres não participavam dos banquetes organizados por surdos em Paris, em 1840. A França colonizou grande parte da África naquela época. O que a elite francesa, o que os homens surdos pensavam sobre as mulheres colonizadas? Eram consideradas exóticas, primitivas? Quais histórias eram contadas pelas mulheres surdas naquela época?

Qual o sentido de trazer histórias de séculos passados para o presente texto? De que forma ligamos esses pontos, de que forma criamos uma aquarela em que sobrepomos diferentes formas e outras possibilidades de contemplação? Essas conexões nos fazem pensar sobre as possibilidades de ser surdo, considerando gênero, raça, etnia, deficiência, classe econômica, entre outras possibilidades. Há tantos pontos possíveis de conexão que nos deparamos com uma constelação, com infinitas possibilidades de aproximações.

As considerações dos parágrafos anteriores têm a intenção de inventar e compartilhar outras histórias que não foram contadas, tendo como subsídio as contribuições de Lane (1976) e Davis (2010). Assim como não há uma história única para as pessoas (como nos lembra Adichie), também não há uma história única para as comunidades ou para as instituições. As instituições mudam ao longo do tempo e as histórias deixam de ser únicas. Elas podem ser transformadas, desconstruídas, recontadas. As narrativas nos trazem outras possibilidades, outras histórias... e isso não é produzido de forma isolada. Narrativas são compartilhadas com outras pessoas, com comunidades.

Ao delimitarmos a pesquisa no espaço das comunidades surdas, pressupomos que um sentido pleno de comunidade é fictício e frágil, sempre vulnerável a ameaças externas e fissuras internas. Para nossa análise das produções culturais em comunidades de surdos, deslocamo-nos entre a diferença linguística e cultural, entre fronteiras definidas e limites porosos.

Como pesquisadores, ao coletarmos as produções culturais em Libras, em diferentes espaços (*you tube*, mercado editorial, associações de surdos etc...), deparamo-nos com muitas narrativas. Nesse processo de busca e seleção de materiais, preocupa-nos o fato de que o que aparentemente são “ótimas histórias” possam, no entanto, servir para nutrir nossos enganos coletivos e nossas representações do outro. Entramos em cena à procura de histórias e, às vezes, involuntariamente buscamos “ótimas histórias”, possivelmente caminhando em direção ao campo das construções do “outro”, nutrindo uma política de representação que frequentemente contribui para uma caricatura das mulheres e dos homens surdos.

inglês). Foi também uma escritora precoce, e por volta dos sete anos, começou a escrever suas primeiras histórias. Escrevia exatamente o tipo de história que lia. Todas as personagens eram brancas e de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçã e falavam o tempo todo sobre o tempo. Adichie nunca tinha estado fora da Nigéria, não conhecia neve, comia mangos e em sua comunidade nunca falavam do tempo, pois isso não era necessário. O que isso demonstra, segundo a escritora, é o quão impressionáveis e vulneráveis somos face a uma história, particularmente as crianças. Porque tudo que Adichie tinha lido eram livros em que as personagens eram estrangeiras e estava convencida de que os livros, pelo seu próprio formato, tinham de incluir estrangeiros, e tinham de ser sobre coisas com as quais não podia pessoalmente identificar-se. Bem, as coisas mudaram quando ela descobriu livros africanos. Não havia muitos disponíveis e não eram tão fáceis de encontrar como os livros estrangeiros. (Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html)

⁵ Apresentação oral na língua inglesa com tradução para a American Sign Language (ASL).

Na análise das narrativas produzidas em Libras, procuramos olhar como são construídas as experiências surdas. O desafio é analisar quem traduz a quem e através de quais significados políticos. Não supomos que todos os surdos são sujeitos plenos de uma marca cultural, nem que a comunidade surda é totalmente harmoniosa, equilibrada, auto-satisfatória. Um dos perigos, ao olharmos as narrativas produzidas, é utilizarmos uma ótica folclórica, um modo de fazer uma trajetória turística, fixando identidades ou realizando análises que fazem um espetáculo do exotismo. Outro aspecto a ser considerado é o desafio de problematizar o localismo como forma legitimadora de uma autonomia institucional e discursiva – ou seja, considerar que as narrativas não seriam “contaminadas” por referências desabonadoras do outro (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001).

Ao coletarmos as produções culturais, em especial, as narrativas, selecionamos aquelas que consideramos “boas histórias”, ou seja, fundamentalmente aquelas que não estão simplesmente amarradas a uma narrativa que desqualifique ou estigmatize o outro... Ao delimitarmos nosso campo investigativo, fazemos uma reflexão sobre as narrativas dos surdos e optamos em explorar meticolosamente a rotina, o cotidiano, as experiências de ser surdo (PADDEN, 2011).

Uma vez que coletamos “ótimas histórias” de nossos entrevistados (e outras nem tanto), a próxima etapa a demonstrar dificuldade envolve a tradução e a análise dos dados. Quando traduzimos narrativas produzidas em língua de sinais, nós – pesquisadores – estamos diante de uma língua de modalidade gestual-visual, rica em expressões faciais e corporais, composta por sinais formados por movimentos, configurações de mão e locações. Nas narrativas em sinais, procuramos também analisar algumas questões de ordem do discurso, especificamente, quem conta histórias sobre os surdos, as formas de nomeação utilizadas, o uso de eufemismos, os silenciamentos, as ênfases textuais.

Reconhecemos que traduzir histórias pode apresentar diferentes possibilidades. Realizamos a tradução de histórias da Libras para o português, quando necessário, pautados em uma tradução cultural. A convergência é improvável e, talvez, indesejável. Enfim, suscetíveis à contradição, à heterogeneidade e à multiplicidade, coletamos materiais que compõem uma colcha de histórias e de sinais que conversam entre si em tom de disputa, dissonância, apoio, diálogo, contenda e/ou contradição.

Caminhos da pesquisa

A pesquisa interinstitucional “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” iniciou em 2010 (em andamento) e é desenvolvida por pesquisadores da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A proposta é dar continuidade e consolidar pesquisas na área da cultura surda, tendo como objetivos (a) mapear as produções culturais das comunidades surdas brasileiras; (b) coletar as produções culturais nas diferentes regiões brasileiras, com ênfase nos espaços em que há um movimento surdo organizado; (c) analisar os processos de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda.

Com ênfase no registro das produções culturais de comunidades surdas, essa pesquisa prioriza os registros visuais, como as filmagens de histórias contadas em Libras, a escrita da língua de sinais, as traduções da Libras para a escrita da língua portuguesa e outras produções artístico-culturais em comunidades surdas. Tais formas de registro contribuem para a manutenção do leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais da comunidade surda (KARNOPP; KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011).

Os materiais empíricos, que compõem o corpus investigativo da referida pesquisa, foram selecionados e organizados por pesquisadores das três Instituições de Ensino Superior (IES), participantes do projeto. Foi elaborado um banco de dados das produções culturais surdas encontradas em diferentes espaços e foram definidas quatro categorias investigativas referentes às ações do projeto. São elas: (a) **Produções Editoriais** disponíveis no mercado editorial; (b) **Produções com Circulação Livre na Internet**; (c) **Produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras** (Turma 2008); (d) **Produções Informais** (associações de surdos, escolas de surdos).

Durante o ano de 2011, foi realizado o mapeamento das produções culturais em Libras e foram coletados materiais que circulam nas comunidades surdas brasileiras, conforme categorias descritas no parágrafo anterior. Para realizar tal mapeamento, tomou-se como referência obras publicadas e divulgadas nacionalmente, em eventos, bibliotecas e em ambientes virtuais. Para proceder à coleta de materiais nas comunidades surdas, foi feita a identificação e contato com os representantes do movimento surdo organizado (associações de surdos, espaços educacionais, Federação de Surdos), nas diferentes regiões brasileiras, a fim de coletar as produções artístico-culturais de surdos. Para isso foram promovidos encontros regionais, em cidades-sede, convidando artistas e lideranças surdas para colaborar na pesquisa. Cada equipe que saiu para a pesquisa de campo realizou um contato prévio com as lideranças surdas. Para a escolha dos locais visitados, foram priorizadas as cidades/regiões que contam com escritórios da FENEIS e/ou pólos do

Curso de Letras-Libras⁶. Cada visita foi organizada no sentido de facilitar a locomoção da equipe e potencializar o tempo, sendo que cada Universidade executora da pesquisa (UFRGS, UFPel e UFSM) responsabilizou-se por um grupo, realizando os encontros de forma sequencial. As cidades visitadas foram: Rio de Janeiro, Brasília, Florianópolis, Belo Horizonte e Porto Alegre (sob a responsabilidade da UFRGS); Recife, Fortaleza e Belém (sob a responsabilidade da UFPel); Curitiba, São Paulo e Campo Grande (sob a responsabilidade da UFSM). O registro de todas as produções artístico-culturais identificadas nessas regiões foi realizado através de filmagens, para fins de análise e posterior disponibilização em formato audiovisual e/ou digital, já que esse recurso contempla a experiência visual das pessoas surdas.

Ainda durante o ano de 2011, foi realizado o Festival Brasileiro da Cultura Surda (www.culturasurda.ufrgs.br), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de dar visibilidade e contribuir com a divulgação das produções culturais das comunidades surdas brasileiras e potencializar intercâmbios entre os diferentes atores envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda. Foram convidados artistas surdos envolvidos com a literatura, a poesia, o teatro, as artes visuais e outras manifestações culturais, identificados durante a pesquisa de campo e nos encontros regionais. O Festival contou também com a presença de artistas surdos de outros países, com produção reconhecida pela comunidade surda.

Assim, o mapeamento das produções culturais das comunidades surdas brasileiras possibilitou a criação de um banco de dados com as produções culturais nas diferentes regiões brasileiras. Algumas dessas análises vêm sendo produzidas por pesquisadores das instituições parceiras (UFRGS, UFPel e UFSM), em trabalhos de pós-graduação e graduação. Tais trabalhos focalizam as **produções editoriais** oficializadas (MÜLLER, 2012); as **produções com Circulação Livre na Internet** (SCHALLENBERGER, 2011; PINHEIRO, 2011); as **produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras** (ROSA, 2011; MOURÃO, 2011), entre outros trabalhos e artigos publicados (FURTADO, 2012; SILVA, 2012).

Considerações (quase) finais

Encontramos uma vasta e diversificada produção cultural, disponível no mercado editorial, na internet, em

associações de surdos, em escolas, no Curso de Letras-Libras e em pontos de encontro da comunidade surda. Algumas histórias são contadas e resgatadas por surdos idosos e/ou por surdos contadores de histórias. Uma parcela dessas produções culturais têm sido registradas em vídeo, na Libras, ou traduzidas e disponibilizadas na língua portuguesa. Olhar as produções culturais de comunidades surdas brasileiras permite-nos acessar, através da língua de sinais, os significados culturais e de identidades surdas, presentes em materiais empíricos que circulam nos artefatos culturais.

Cabe enfatizar que a Língua de Sinais Brasileira – principal marcador identitário da cultura surda – é uma língua visual-gestual e recentemente seus usuários têm utilizado a escrita dessa língua em seu cotidiano, conhecida como escrita dos sinais (*sign writing*). A escrita dos sinais é a forma de registro das línguas de sinais, mas poucas são as obras produzidas que utilizam essa escrita, conforme o mapeamento realizado na pesquisa das produções editoriais. Acreditamos, no entanto, que a escrita da língua de sinais é uma forma potencial de registro da cultura surda, pois possibilita que os textos sejam impressos e que circulem em diferentes tempos e espaços.

As produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato linguístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngue a essa comunidade. Neste sentido, além da escrita da língua de sinais, a escrita da língua portuguesa também faz parte das possibilidades de registro das experiências surdas. A escrita na língua portuguesa tem sido indispensável aos surdos brasileiros para a escolarização, a defesa de seus interesses e cidadania e, conforme dados da pesquisa realizada, serve também como uma forma de tradução das raízes culturais, no sentido de dar visibilidade às experiências de vida de sujeitos e de comunidades surdas (KARNOPP; KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011).

Além dessas possibilidades de registro, outras formas de documentação, como filmagens, fotos e ilustrações foram recorrentes nos materiais e locais visitados. A partir desse dado, observamos que as comunidades surdas apresentam um leque de possibilidades artísticas e expressões na língua de sinais e os registros visuais, potencializados com as tecnologias da informação, são indispensáveis para a preservação dessas comunidades.

No mapeamento sobre as produções culturais em comunidades surdas, encontramos um aumento significativo a partir de 2002, sendo intensificado em 2010. A partir disso, pontuamos o fato de que a Libras foi oficializada em 2002, ano em que começou a aparecer de forma mais frequente alguns dos registros das produções

⁶ Os Cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Letras-Libras são uma iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina, com o objetivo de formar profissionais na Língua de Sinais Brasileira (professores e tradutores-intérpretes).

culturais surdas. A partir da estreita relação que o contexto histórico pode estabelecer com o movimento surdo, gostaríamos de ressaltar que, ao percorrermos alguns fragmentos da história do movimento surdo, percebemos também essa ligação. Em outras palavras, enquanto a Libras não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas e em diferentes espaços sociais, também não existiam publicações que apresentassem os surdos usuários da Libras, ou temáticas que posicionassem os sujeitos surdos como artistas, poetas e contadores de histórias em sinais. Em geral, naqueles contextos escolares ou clínicos onde não se tolera a língua de sinais e/ou a cultura surda ainda há um completo desconhecimento dos processos e dos produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao humor, à poesia visual, enfim, às produções culturais em língua de sinais.

Percebemos também um intenso aumento das produções culturais no ano de 2010, e identificamos esse grande aumento ao fato de que aí estão os acadêmicos do Letras-Libras, com produções relacionadas ao âmbito da disciplina de Literatura Surda e disponibilizadas no *you tube*. No campo editorial, este aumento não foi tão significativo, evidenciando que esse destaque é pontual e com motivação clara do Curso de Letras-Libras.

Na análise de **produções editoriais**, disponíveis no mercado editorial, tais como livrarias e bibliotecas, há uma forte tendência à medicalização da surdez, inscrita no paradigma clínico que procura enquadrar o surdo dentro da normativa ouvinte. Nessas produções formalizadas em editoras e outras instituições, grande parte da criação dos materiais não é de autores surdos, havendo grande incidência de professores, fonoaudiólogos e outros profissionais ligados às áreas educacionais e clínicas, que enfatizam questões da deficiência e da incompletude como representações da surdez. No entanto, neste mesmo contexto editorial, evidenciam-se descontinuidades discursivas, nas quais os movimentos surdos, através de suas lideranças, lutam por questões relacionadas ao reconhecimento político e identitário dos surdos.

Nas obras catalogadas evidenciam-se, ao lado das representações clínicas, também obras que contêm a presença de personagens surdos, intérpretes de língua de sinais, elementos da cultura surda, predominância de aspectos visuais, entre outros, que possibilitam a produção de outros olhares acerca da surdez (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 23).

Na análise das **Produções com circulação livre na internet**, as pesquisadoras identificaram uma diversidade de temáticas e propósitos que circulam no *youtube*: divulgação de eventos para a comunidade surda e demais

interessados; divulgação e defesa da língua de sinais, seja na forma de humor, piadas, poemas ou contos. Em outros vídeos, aparecem divulgações de utilidade pública, por exemplo, explicando e informando a Lei de Redução do IPI na compra de veículos e os adesivos existentes para a identificação de motoristas surdos. Também há uma grande incidência de vídeos que divulgam softwares bilíngues e apresentação de peças de teatro em língua de sinais (PINHEIRO, 2011; KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 24).

As **produções dos acadêmicos do curso de graduação em Letras-Libras**, Turma 2008, fortalecem uma certa feição das produções literárias e estão marcadas pelas experiências que os surdos têm do uso da língua de sinais e da inserção em um ambiente familiar e escolar, em que circulam histórias preponderantemente em língua portuguesa e sobre os ouvintes. Ao analisar os materiais, a maioria dos alunos optou por traduzir fábulas e contos de ampla circulação, como “O sapo e o boi”, “A reunião geral dos ratos”, “João e Maria”, entre outros. As produções apresentadas caracterizaram-se basicamente como traduções de narrativas ou poemas, de textos de Esopo, La Fontaine, Hans Christian Andersen, Monteiro Lobato, Vinícius de Moraes e textos bíblicos. Outros alunos construíram narrativas singulares, sendo algumas delas relacionadas às suas experiências de vida, experiências escolares ou sociais.

Em geral, os acadêmicos manifestaram a preferência por narrativas e poemas disponíveis na língua portuguesa, realizando a tradução para a língua de sinais. Em alguns casos, encontramos produções que apresentam ensinamentos para a vida, que possibilitam a imaginação e diversão e que priorizam performances em língua de sinais. A maioria dos vídeos apresenta o sinalizador em primeiro plano, dando ênfase e destaque para a visualização clara em Libras. Houve também, em alguns trabalhos, o uso de ilustrações, encenações e utilização de legenda no momento em que a história era apresentada. Destaca-se o uso estético dos sinais na produção de histórias e de poemas, com ênfase nos classificadores e na expressividade linguística.

As fábulas foram as narrativas preferidas, bem como os textos que contêm ensinamentos de vida, com uma “mensagem” ao final da história. São narrativas ou traduções que ensinam, emocionam, provocam; incentivam a vencer na vida, mostram a igualdade sem distinção; são também exemplos de bondade, humildade, carinho; ensinam o que é certo na vida; têm moral na história.

As narrativas e poemas apresentados pelos surdos podem ser entendidos como dispositivos de resistência e de marcação cultural, pois os sujeitos testemunham seus legados através de suas produções. Assim, abre-se a possibilidade de (re)conhecer outras maneiras de

viver e de narrar o vivido, dando uma visibilidade a muitos protagonistas anônimos a partir das histórias que são traduzidas, adaptadas, inventadas (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 26-27).

As produções culturais, em comunidades surdas, envolvem tradução linguística e a articulação de olhares entre/culturas. Na análise das narrativas produzidas em Libras, evidenciamos que “Os surdos começam a se narrar de uma forma diferente, a serem representados por outros discursos, a desenvolverem novas identidades surdas, fundamentadas na diferença (...)” (SKLIAR, 1999, p. 12).

As narrativas que encontramos agem como uma metáfora na experiência dessa comunidade, transmite os valores e as normas de conduta, serve como uma ferramenta pedagógica para determinados propósitos, incluindo a defesa da língua de sinais, o respeito à identidade de pessoas surdas linguística e culturalmente, educação bilíngue, intérpretes de línguas de sinais e recursos de acessibilidade. As narrativas produzidas exercem formas de organização e articulação política, bem como estabelece e mantém a identidade cultural.

Nas narrativas em Libras, encontramos frequentemente algumas dimensões pedagógicas, ou seja, os textos inserem lições, mensagens, objetivando ensinar algo ao leitor, no sentido de regular condutas. A inscrição do surdo, em narrativas diversas, apresenta várias dimensões, entre elas, a tolerância, a aceitação, o encontro, os desafios da comunicação.

Até o momento, a análise dos materiais empíricos evidencia que a cultura surda serve de base ou garantia para fazer reivindicações da diferença no espaço público. Nesse sentido, as produções culturais dos surdos estão fundamentadas na diferença, que funciona como recurso. Com base em Yúdice (2004, p. 43), podemos dizer que o “o conteúdo da cultura diminui em importância à medida que a *utilidade da reivindicação da diferença* como garantia ganha legitimidade. O resultado é que a *política* vence o conteúdo da cultura” (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 28).

Referências

- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel*. Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119-138.
- FURTADO, Rita Simone Silveira. *Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade*. 2012.
- Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- HAUALAND, Hilde; ALLEN, Colin. *Deaf People and Human Rights*. Finland: World Federation of the Deaf and Swedish National Association of the Deaf, 2009.
- KARNOPP, Lodenir B.; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011. 336 p.
- LANE, Harlan. *The wild boy of Aveyron*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1976.
- MOURÃO, Cláudio Henrique N. *Literatura surda*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MULLER, Janete Inês. Marcadores culturais na Literatura Surda: constituição de significados em produções editoriais surdas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- PADDEN, Carol A. Sign Language Geography. In: MATHUR, G.; NAPOLI, D. J. *Deaf around the world: the impact of language*. New York: Oxford University Press. 2011. p. 19-37
- PINHEIRO, Daiane. *You Tube como pedagogia cultural: espaço de produção, circulação e consumo da cultura surda*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.
- ROSA, Fabiano Souto. *O que sinalizam os professores surdos sobre Literatura Surda em livros digitais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.
- SCHALLENBERGER, Augusto. *Ciberhumor nas comunidades surdas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SILVA, Bianca Gonçalves da. *Memórias e narrativas surdas: o que sinalizam as professoras sobre sua formação?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- SKLIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 1.
- YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Recebido: 15 de novembro de 2012
Aprovado: 14 de dezembro de 2012
Contato: lodenir.karnopp@ufrgs.br